

O ACESSO E A PERMANÊNCIA DAS CLASSES POPULARES NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: trajetória escolar de uma estudante da Universidade Federal Fluminense

Regina Lúcia Cerqueira Dias,
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, RJ, Brasil

Izabela Mathias dos Santos Silva
Universidade Federal Fluminense
Niterói, RJ, Brasil

Resumo

O estudo buscou identificar e analisar as dificuldades de ordem material e simbólica enfrentada por uma estudante da Universidade Federal Fluminense, oriunda das classes populares, assim como a estratégia utilizada por ela para permanecer no ensino superior. Optou-se por uma pesquisa qualitativa e utilizou-se a abordagem biográfica. A trajetória escolar da participante da pesquisa, descrita e analisada neste artigo, revela o grande esforço empreendido por ela e pela sua família para ingressar e para permanecer no ensino superior.

Palavras-chave: Acesso e Permanência; Classes populares; Trajetórias Escolares.

ACCESS AND PERMANENCE OF POPULAR CLASSES IN THE PUBLIC UNIVERSITY: school trajectory of a student from the Federal Fluminense University

Abstract

The research aimed to identify and analyze the material and symbolic difficulties faced by a student from the Fluminense Federal University, coming from the popular classes, as well as the strategies used by her to remain in higher education. We chose a qualitative research and the biographical approach was used. The trajectory of a research participant, described and analyzed in this article, shows the great effort undertaken by her and the family to enter and remain in higher education.

Keywords: Access and Permanence; Popular Classes; School trajectories.

EL ACCESO Y LA PERMANENCIA DE LAS CLASES POPULARES EN LA UNIVERSIDAD PÚBLICA: Trayectoria escolar de una estudiante de la Universidad Federal Fluminense

Resumen

La investigación buscó identificar y analizar las dificultades de orden material y simbólico enfrentada por una estudiante de la Universidad Federal Fluminense, oriundas de las clases populares, así como las estrategias utilizadas por ella para permanecer en la enseñanza superior. Se optó por una investigación cualitativa y se utilizó el enfoque biográfico. La trayectoria escolar de la participante de la investigación, descrita y analizada en este artículo, nos muestra el gran esfuerzo emprendido por ella y por la familia para ingresar y permanecer en la enseñanza superior.

Palabras clave: Acceso y permanencia; Clases populares; Trayectorias Escolares.

Introdução

A pesquisa foi motivada pela experiência de uma das autoras do artigo, estudante universitária e trabalhadora, pertencente às camadas populares. Buscou-se na investigação identificar e analisar as dificuldades de ordem material e simbólica enfrentadas por um grupo de estudantes das classes populares para ingressarem e para permanecerem na educação superior, assim como as estratégias utilizadas por elas para superarem os obstáculos vivenciados.

Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2001, p. 160), ao decidir sobre qual abordagem metodológica adotará em sua investigação, o pesquisador deve levar em conta o fato de que “não há metodologias ‘boas’ ou ‘más’ em si, e sim metodologias adequadas ou inadequadas para tratar um determinado problema”. Portanto, considerando as características específicas do objeto de investigação, optou-se por uma pesquisa qualitativa e utilizou-se a abordagem biográfica para reconstruir as trajetórias escolares do grupo de estudantes pertencentes às classes populares. Essa abordagem biográfica foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e em profundidade.

Para Bogdan e Biklen (1996), a abordagem qualitativa possui características próprias: ela é descritiva; os investigadores se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados; a fonte direta de dados é o ambiente natural, sendo o pesquisador o principal instrumento; a análise de dados tende a ser feita de forma indutiva e o significado assume uma importância vital nesse tipo de investigação. De acordo com esses autores, ainda que os investigadores que utilizam esse tipo de abordagem tendam a ter uma orientação fenomenológica, isso não significa necessariamente que neguem uma realidade exterior. Além disso, procuram entender objetivamente os estados subjetivos dos sujeitos da pesquisa.

A abordagem biográfica adotada na pesquisa foi redescoberta, de acordo com Giles (2008, p.320), no início dos anos 70 do século XX, e foi de grande importância para a Sociologia, porque trouxe de volta o sujeito nas investigações, as quais privilegiavam até então os processos sociais. O autor defende a relevância desse enfoque, argumentando que, ao se trabalhar com a história de vida de um sujeito, estamos também investigando “o relato ou a história da vida em sociedade”. Assim, as histórias de vida desses sujeitos estão vinculadas ao contexto histórico e social vivenciado por eles e aos seus pertencimentos de classe, gênero e etnia.

É preciso articular tais histórias à complexidade social e histórica vivenciada por esses sujeitos. Giles (2008) propõe a seguinte questão: “como garantir a passagem dessa experiência ou dessas experiências, isto é, desses saberes, ao saber sociológico, e em quais condições” (p.322)? O autor cita vários procedimentos que facilitam a transição desses saberes como o “caráter insuperável da interpretação, enquanto parte integrante de todo procedimento e o caráter essencial de toda teoria no trabalho de análise” (Giles, 2008, p.329).

No que diz respeito à tensa relação entre a subjetividade e a objetividade em uma pesquisa sobre os fenômenos sociais, Giles (2008), assim como Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007), explicita o debate em torno de tal relação em uma pesquisa sobre os fenômenos sociais em que os objetos falam. O que fazer com essa fala? De acordo com Bourdieu (2008), o discurso de si vai variar de acordo com a qualidade social do mercado a que se destina e sua forma e conteúdo sofrem a interferência da própria situação de pesquisa.

Em relação à análise dos dados coletados em investigações que lidam com memórias e narrativas, Chaves (2006) afirma que seu trabalho de pesquisadora mostrou ser impossível uma tradução exata da realidade. De acordo com a autora, “os dados nunca nos são dados por um método infalível de apreensão do real, mas são construídos no interior de sistemas interpretativos que têm estreito vínculo com as trajetórias de vida e filiações dos sujeitos narradores” (Chaves, 2006, p. 163). Chaves (2006) nos diz, portanto, que os sujeitos narradores possuem percepções e esquemas de avaliação construídos ao longo de suas vidas e de suas diversas filiações e que os dados coletados em investigações são interpretados a partir de tais vínculos. Após o relato e a análise da abordagem biográfica adotada na pesquisa em geral, será feita a exposição de aspectos particulares da mesma.

O *lócus* da pesquisa foi a Universidade Federal Fluminense (UFF). Nessa instituição, uma das autoras deste artigo pôde presenciar a realidade de muitos estudantes que enfrentaram diversos obstáculos de ordem material e simbólica no decorrer do curso de Pedagogia. Para participar da investigação, foram convidadas três estudantes de graduações distintas. Os critérios utilizados para essa escolha foram a origem social do sujeito e a matrícula ativa em cursos de maior e de menor prestígio.

Optou-se por entrevistar uma estudante matriculada em Medicina Veterinária, curso de alta seletividade social, e duas graduandas de Pedagogia, curso menos valorizado socialmente. Essa opção deu-se com o objetivo de apresentar as dificuldades que se impõem à permanência, próprias de cada curso, e os mecanismos empreendidos pelas estudantes para as superarem e concluírem seus cursos. As entrevistas tiveram como principais temas a configuração familiar das estudantes, as suas trajetórias escolares e as experiências vivenciadas no interior da universidade. Para as sessões de entrevistas, foi elaborado um roteiro, adaptado à história de cada discente participante da pesquisa.

O Curso de Pedagogia é frequentado predominantemente por estudantes do sexo feminino. Em relação ao pertencimento étnico-racial, duas estudantes são brancas e uma delas é negra. Neste trabalho, devido ao espaço restrito, será apresentada e analisada apenas a trajetória escolar de uma participante da pesquisa, nomeada como Camila¹, discente do curso de Pedagogia do polo de Angra dos Reis.

A escolarização das classes populares

Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, teóricos que desenvolveram pesquisas importantes sobre a escolarização das classes populares, foram fundamentais para o estudo efetivado, assim como as investigações de Écio Portes e Nadir Zago, os quais estudaram a questão do acesso e da permanência dessas classes no ensino superior.

¹ Camila é o nome fictício atribuído pelas pesquisadoras a uma das participantes da investigação. As entrevistas com a estudante aconteceram nos dias 6, 11, 24 e 25 de outubro de 2016.

Para Bourdieu (2006), só podemos compreender as práticas de um indivíduo se

as relacionarmos com a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus*² (que engendrou essas práticas), com as condições do exercício desses *habitus*, isto é, com a conjuntura que, salvo transformação radical, representa um estado particular dessa estrutura (p.58).

As condições objetivas de vida vivenciadas pelos sujeitos produzem neles disposições que os fazem ajustar seus desejos e suas ações ao que eles consideram possível em sua realidade objetiva, levando-os a excluir o impensável. O autor chama a atenção para o fato de que desenvolvemos um sentido de jogo que nos facilita tomar decisões ao longo da vida e sonhar com o possível. Isso significa que, ao agirmos cotidianamente como em um jogo, não precisamos parar todo momento antes de cada ato e examiná-lo para então escolhermos as nossas ações. O *habitus* é, portanto, “essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação – o que chamamos, no esporte, o senso do jogo, arte de antecipar o futuro do jogo inscrito, em esboço, no estado atual do jogo” (BOURDIEU, 2008, p.42).

Ainda segundo o autor, as famílias transmitem a seus filhos um certo capital cultural e um certo *ethos*. Essa noção de transmissão é fundamental para entender as desigualdades diante da escola, pois esse tipo de capital age com mais força do que o capital econômico sobre tais desigualdades. O capital cultural escolarmente rentável se concentra sobretudo em três dimensões: informações sobre o sistema e as trajetórias escolares; saberes e gostos,

² Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 2006, p.53 e 54).

relacionados à cultura dominante; e facilidade, elegância e riqueza no uso da linguagem padrão. Quanto maior a proximidade cultural das crianças e de suas famílias em relação à cultura escolar, a qual representa para Bourdieu (1998), a cultura dominante, também maiores são as chances de sucesso escolar. Pode-se dizer que o aluno da classe popular tenderia a se sentir na instituição escolar como um estrangeiro que chega a um país sem saber a língua, os costumes e a cultura local. Os sujeitos tenderiam, de acordo com suas condições objetivas, a desenvolverem o gosto pelo provável e a rejeitarem o improvável.

Dessa forma, a posse de um importante capital cultural pelo estudante e pela sua família exerceria uma forte influência em relação às suas aspirações escolares, tornando-as as mais altas possíveis. Já os alunos oriundos das classes populares teriam uma fraca expectativa em relação à longevidade e ao sucesso escolar, devido à posse de um reduzido capital cultural.

Lahire (1997) demonstra, através das pesquisas realizadas sobre o sucesso escolar nos meios populares, como há um desconhecimento nos estudos acadêmicos sobre as famílias das classes menos abastadas, as quais são tomadas em vários trabalhos como se fossem homogêneas. Seus estudos mostram a existência de pais que, mesmo analfabetos ou possuindo uma reduzida escolaridade, valorizam e incentivam o estudo de seus filhos, sacrificando-se, muitas vezes, para que eles alcancem uma longevidade escolar.

Essa imagem das classes desfavorecidas revelada pela investigação de Lahire contradiz também o senso comum que tende a ter uma visão preconceituosa acerca desses sujeitos, julgando esses progenitores relapsos em relação à educação escolar de suas crianças. O autor também concorda com grande

parte da teoria sociológica construída por Bourdieu em uma escala de estudos macrossociais. Por outro lado, em uma dimensão que privilegia o universo microssocial, ele se distancia do teórico francês, pois “a subjetividade não pode ser diretamente deduzida do pertencimento a uma dada categoria social ou da posição ocupada no espaço social” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p.28).

No que diz respeito ao sucesso escolar, Lahire (1997) afirma que ele estaria ligado à relação existente entre a família e a escola. Há famílias que, mesmo não tendo um capital cultural ou econômico satisfatório, conseguem oferecer condições morais, financeiras e afetivas, de maneira explícita e/ou implícita, que possibilitam desenvolver nas crianças disposições de enfrentar as regras do jogo escolar e de terem êxito diante das exigências da escola. Esse autor, portanto, contribui para um melhor esclarecimento do objeto investigado, uma vez que as estudantes entrevistadas estariam fadadas ao fracasso se a origem social e a cultural definissem completamente a trajetória escolar de um indivíduo.

Em relação ao acesso e à permanência de indivíduos oriundos dos meios populares na educação superior, é preciso apresentar um breve panorama histórico sobre tal temática no Brasil para posteriormente descrever e analisar a trajetória escolar da estudante Camila.

O acesso à educação superior por indivíduos pertencentes às classes populares foi por muito tempo na história do Brasil sistematicamente negado a eles. Mesmo a elite brasileira era obrigada a ir para outros países se quisesse ingressar nesse nível de educação, uma vez que, durante três séculos, quando houve a dominação portuguesa sobre o Brasil, não havia faculdades e universidades na colônia. Somente a partir da vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, foram criados os primeiros cursos superiores (não teológicos) na Colônia (Romanelli, 2007). A partir daí, Portugal tinha como propósito

exclusivo “proporcionar educação para uma elite aristocrática e nobre de que se compunha a Corte” (ROMANELLI, 2007, p.38).

A independência política do Brasil, conquistada em 1822, não modificou, pelo menos não de imediato, tal quadro. O poder foi entregue para a elite brasileira formada por proprietários de terras e de engenhos e por homens letrados. E as novas faculdades criadas na década de 20, como as Faculdades de Direito, ainda que já existissem os cursos de Medicina, de Engenharia e de Artes, os quais as antecederam, assumiram o papel de formar os quadros superiores do Império que comporiam o quadro geral da administração e da política.

No entanto, Portes (2001) afirma que a ausência de estudantes pobres e negros no ensino superior brasileiro não foi completa. Segundo o autor, a presença deles “data desde a criação dos cursos jurídicos em 1827 e se acentua com a instituição e a ampliação do aparato desse nível de ensino no século 20” (p. 520). Ainda que o acesso de alunos dos meios populares ao ensino superior tenha se dado ao longo da história do Brasil, mesmo sendo uma minoria, vale lembrar que “a permanência desse tipo de estudante, por outro lado, tem-se dado à revelia do Estado” (PORTES, 2011, p. 520).

Para permanecer no sistema superior de ensino público de qualidade, o estudante pobre desenvolve um conjunto significativo de estratégias, pessoais e coletivas, materiais e simbólicas, pois ele não tem visibilidade no interior dos cursos e é visto na figura de um acadêmico universal. (Portes, 2011, p. 520).

Ao longo dos últimos anos, houve a ampliação de vagas na educação superior, o que possibilitou um maior acesso das classes populares. Tal ampliação e democratização ocorreu principalmente durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, por meio da criação de políticas e de programas como o

Programa Universidade para todos (PROUNI) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).³

Nas últimas décadas, houve também a implementação de ações afirmativas que tornaram o acesso às instituições de educação superior mais democrático.

De acordo com Oliven (2007, p. 30), as ações afirmativas referem-se a:

(...) um conjunto de políticas públicas para proteger minorias e grupos que, em uma determinada sociedade, tenham sido discriminados no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos ao mercado de trabalho, universidades e posições de liderança.

A Lei de Cotas sancionada em agosto de 2012 é o resultado de uma luta intensa dos movimentos sociais pela igualdade de direitos e de oportunidades. Nela ficou determinada a reserva de 50% das vagas das instituições federais de educação superior para estudantes das escolas públicas, considerando o critério raça/cor.

Tais ações afirmativas vêm contribuindo enormemente para que as classes populares ingressem na educação superior. Zago (2006) não nega que o acesso à universidade é importante para os indivíduos pertencentes aos meios populares, porém, advoga que não basta garantir somente a sua entrada. Devem-se desenvolver medidas de assistência que assegurem a permanência dos mesmos. De acordo com a autora, a situação precária desse perfil de aluno faz com que esses discentes desenvolvam algumas estratégias para se manter estudando. Uma delas é o emprego, o que acaba comprometendo a sua trajetória acadêmica.

³ O PROUNI tem como objetivo a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições filantrópicas e privadas de educação superior. Já o REUNI é um programa de expansão da rede federal. Foram criadas 14 novas universidades que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação.

O tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos, como na participação em encontros organizados no interior ou fora da universidade, nos trabalhos coletivos com os colegas, nas festas organizadas pela turma, entre outras circunstâncias. (p.235).

Segundo Zago (2006), os estudantes pobres se sentem excluídos do espaço universitário por não usufruírem das atividades acadêmicas em geral, pois precisam trabalhar ou exercer alguma atividade remunerada que ocupa o tempo que deveria ser destinado aos estudos.

Vários estudantes se sentem à margem de muitas atividades mais diretamente relacionadas ao que se poderia chamar investimentos na formação (congresso, conferências, material de apoio), como relata Ana, estudante de serviço social: "Não participo da comunidade universitária [...] eu só trabalho, aí você é automaticamente colocada de lado. [...] Estes três semestres foram levados nas coxas, literalmente, para dar conta de tudo. Essa é uma realidade cruel. (p.235).

A partir da pesquisa efetivada por Zago (2006), podemos inferir que, para o aluno de origem popular, a graduação muitas vezes torna-se uma luta constante, afinal, os estudantes têm de buscar um emprego para se sustentar, o que inviabiliza a sua participação em inúmeros eventos acadêmicos. O cansaço advindo do trabalho pode também comprometer seu desempenho intelectual. Além disso, muitos deles, por falta de recursos financeiros, optam por cursos que não eram de sua vontade, levando em consideração o custo material e a possibilidade de serem feitos concomitantemente ao trabalho. Conforme a autora menciona em sua pesquisa, esses sujeitos acabam se adaptando a grupos e a cursos que se aproximam de sua realidade social por questões financeiras e simbólicas. O mesmo ocorre com a participante da pesquisa, como veremos adiante no relato feito por ela.

Os sentimentos de pertencimento/não-pertencimento ao grupo dependem muito do curso, da configuração social dos estudantes de uma determinada turma. Assim, Everaldo, que faz filosofia no período noturno, vê-se entre pares:

estudantes com expectativas semelhantes às suas, sem muita diferença social. “Não tem rico na filosofia”, disse, e não sente discriminação. (ZAGO, 2006, p.235).

A partir da leitura dos estudos desenvolvidos por Portes e Zago, percebe-se que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes das classes populares na universidade se iniciam ao lutarem pelas vagas e tendem a permanecer ao longo da graduação.

Embora as pesquisas desenvolvidas pelos autores tenham retratado a chegada desses sujeitos à educação superior, o seu ponto central foi evidenciar o cotidiano deles em um local considerado elitizado. Através das entrevistas realizadas com estudantes, foi possível aos pesquisadores revelarem os desafios enfrentados pelos mesmos para permanecerem nesse nível de ensino.

Como já explicitado anteriormente, um dos maiores desafios a ser enfrentado hoje pela Universidade é possibilitar a permanência dos estudantes das classes populares, pois vários se sentem excluídos devido a dupla jornada de trabalho e de estudo. Sendo assim, pensar em uma trajetória de sucesso escolar significa considerar as dimensões do acesso, da permanência e da qualidade na formação.

Trajетória escolar e acadêmica de Camila

Camila, cuja trajetória escolar será descrita e analisada neste artigo, é uma estudante branca, pertencente às classes populares e oriunda de uma família composta por cinco filhos. Ainda na infância, seu percurso estudantil foi acidentado e marcado por uma constante luta para permanecer no sistema de

ensino. Zago (2000) chama a atenção para esse tipo de trajetória, comum aos alunos dos meios populares.

Nascida em São Gonçalo, município próximo ao Rio de Janeiro, a entrevistada residiu por um tempo no bairro Jardim Catarina, local periférico e que sofre com a presença de grupos criminosos ligados ao tráfico de drogas e com incursões policiais. Camila viveu a maior parte de sua vida lá, em um imóvel de posse⁴. Em 2014, a jovem teve de se mudar com a sua família, devido a vários problemas que serão descritos posteriormente. Atualmente, a sua família reside em um apartamento situado em um dos conjuntos habitacionais do Minha Casa Minha Vida⁵, no bairro Jardim Catarina.

A mãe de Camila, D. Ana, trabalhou ao longo de sua vida como empregada doméstica e estudou até a antiga segunda série do ensino fundamental. O pai, Sr. Reinaldo, cursou até a antiga quarta série do ensino fundamental e exerceu a profissão de pedreiro. Como podemos observar, tanto a mãe quanto o pai possuem um reduzido capital escolar. Não diferente de muitos sujeitos pertencentes às classes populares, eles exerciam profissões menos rentáveis, que exigem mais o esforço manual e que comumente são desprestigiadas pela sociedade. Camila relatou ainda que o seu pai havia falecido quando ela era criança e que, com a pensão que recebia, sua mãe somava com o seu salário para manter as despesas da casa.

⁴ Entende-se por imóvel de posse quando o seu residente não possui a escritura ou a matrícula oficial em seu nome.

⁵ O Programa Minha Casa, Minha Vida (**PMCMV**) é “um programa habitacional lançado pelo Governo Federal em 2009 com o objetivo de proporcionar ao cidadão brasileiro condições de acesso à moradia própria, tanto em áreas urbanas quanto rurais. Para isso, o governo fornece condições especiais de financiamento, através de parcerias com estados federativos, municípios, empresas e entidades sem fins lucrativos” (Souza, I. Minha casa, minha vida. Fonte: Politize).

Camila possui quatro irmãos. Duas filhas de D. Ana conseguiram ingressar na educação superior. A irmã mais velha da entrevistada foi a primeira, seguida pela participante da pesquisa. Uma das irmãs de Camila terminou o ensino médio e os outros dois irmãos não lograram concluir nem o ensino fundamental. Como podemos perceber, a longevidade escolar alcançada por Camila não se estendeu a todos de sua família. A jovem discorreu sobre a dificuldade financeira que seus pais enfrentaram ao longo de suas vidas e que acabou por refletir no processo de escolarização dos filhos.

Naquela época, o acesso à escola era muito difícil. Meus pais são pernambucanos, minha mãe morava na roça e começou a frequentar a escola quando já era maior de idade. Não tiveram oportunidade de estudar por questões financeiras e falta de escolas acessíveis.

A trajetória escolar da participante foi marcada por muitas dificuldades financeiras e, principalmente, pela sua condição de trabalhadora-estudante. Camila ingressou muito jovem no mercado de trabalho. Com apenas 12 anos de idade, a estudante já trabalhava informalmente como vendedora de doces nas ruas com a intenção de complementar a renda familiar.

[...] trabalho desde os 12 anos de idade. Comecei vendendo doces na rua, depois cuidei de crianças e quando completei 18 anos, tive meu primeiro emprego de carteira assinada como operadora de caixa de uma loja. Depois como operadora de caixa de uma padaria.

Percebe-se que a infância de Camila se deu de maneira diversa ao que ocorre comumente com as crianças da classe média e da elite, pois, devido à situação objetiva de vida de sua família, ela foi obrigada a trabalhar precocemente.

Ao ser questionada sobre suas lembranças da escola, Camila relatou que tal contato se deu tardiamente, quando ela tinha nove anos de idade. Foi somente nessa época que ela conseguiu ingressar em uma instituição escolar.

Todo o processo de escolarização da entrevistada se deu sempre em escolas públicas. A jovem disse que, quando estava no ensino fundamental, sua mãe resolveu retornar para Pernambuco, o que prejudicou ainda mais o seu processo de escolarização. Por essa mudança, a estudante teve de interromper seus estudos por um ano.

Em relação à questão financeira, a família de Camila enfrentou grande dificuldade econômica no decorrer do seu processo de escolarização, o que a levou a priorizar o trabalho em vez do estudo.

[...] não tinha dinheiro para nada. A alimentação na minha casa era muito fraca e queria trabalhar para ajudar minha mãe e comprar coisas para mim. Quando estava na 5ª série comecei a trabalhar e senti muito peso ao conciliar os estudos e o trabalho. Chegava nas aulas à tarde muito cansada e com muito sono. Os professores que não davam aula e nos deixavam à toa, faziam um favor para mim, pois eu dormia na sala de aula. Hoje me arrependo por não ter cobrado, especialmente de um professor de História, que deixou meu ensino ainda mais defasado, pois ele foi meu “professor” de história durante três anos, mas ele simplesmente não dava aula, apenas fingia.

A narrativa da entrevistada nos traz como destaque a relação entre o trabalho e o estudo. Para o trabalhador-estudante, a rotina diária acaba deixando-o tão cansado que ele tende a relegar o estudo ao segundo plano, já que realmente necessita priorizar o seu trabalho. Sem ele, o discente não terá como promover o seu sustento e o da sua família. A educação escolar, embora seja fundamental na vida de qualquer cidadão, não traz um retorno financeiro imediato, o que dificulta a vida do jovem das classes populares.

Durante o ensino médio, a fim de não interromper os estudos, a estudante foi obrigada a transferir sua matrícula para uma turma de supletivo no turno da noite. Segundo Camila, essa foi a melhor saída para não evadir da escola, já que não poderia nem cogitar em deixar o emprego.

Mesmo diante de toda a dificuldade para permanecer estudando, Camila ressaltou que nas duas escolas pelas quais passou, Colégio Fraternidade em Pernambuco e CIEP 306⁶ no Rio de Janeiro, nunca foi reprovada, sendo uma aluna regular.

Sobre a relação dos seus pais com a escola, Camila afirma que a sua mãe foi criada de uma forma rude pelos seus severos pais e acabou reproduzindo isso na criação dos seus filhos. Por outro lado, ainda que a mãe da entrevistada possuísse um nível de escolaridade e um capital cultural bastante reduzido, ela fez questão de alfabetizar todos os filhos antes de ingressarem na escola. A estudante ressaltou que a sua mãe havia criado os cinco filhos sozinha, já que o marido tinha falecido precocemente.

Mesmo sem muitos estudos, minha mãe alfabetizou todos nós antes de ingressarmos na escola. Para ela, tínhamos que entrar na escola já sabendo ler e escrever, e com nove anos, pois tínhamos autonomia para irmos e voltarmos sozinhos.

Camila também relatou que raríssimas foram as vezes em que sua mãe foi à escola para participar de alguma reunião de pais ou de qualquer outra atividade. No entanto, a jovem recorda que D. Ana sempre os mandava estudar, mesmo sem ter um grande conhecimento sobre a importância do estudo.

O papel primordial que D. Ana exerceu na escolarização dos filhos, inclusive alfabetizando-os antes de ingressarem na escola, vai ao encontro dos achados de pesquisa de Lahire (1997) explicitados neste artigo. Tal investimento dos

⁶ De acordo com o Dicionário Interativo da Educação Brasileira (2001), os CIEPs foram criados no governo de Leonel Brizola na década de 80 por Darcy Ribeiro, quando ele era Secretário da Educação no Rio de Janeiro. O objetivo era proporcionar educação, esportes, assistência médica, alimentos e atividades culturais variadas em instituições colocadas fora da rede educacional regular.

pais, especialmente das mães, na educação dos filhos coincide também com os resultados dos estudos efetivadas por Portes (2003) e Zago (2000) e outros pesquisadores que investigam o sucesso escolar de estudantes pertencentes aos meios populares. Quanto a não participação da mãe de Camila nas reuniões escolares, é importante ressaltar que tal fato isolado não deveria servir para julgá-la como relapsa em relação à escolaridade dos filhos.

Em pesquisa realizada com famílias residentes na periferia de Lion, Lahire (1997) observou que alguns pais não participavam das reuniões nas escolas dos filhos e essa ausência era tomada pelos professores como um descaso deles com os estudos das crianças. No entanto, o autor contesta tal julgamento dos docentes, pois ao investigar a relação dos pais com a escolaridade de seus filhos, ele descobriu que vários deles, apesar de não comparecerem às reuniões nas escolas, participavam intensamente da vida escolar dos mesmos. Dessa forma, Lahire (1997) advoga que há um desconhecimento das famílias das classes populares por parte dos professores que, ao não verem os pais nas escolas, os tomam como alheios à escolarização de seus filhos.

Outro fator também importante na trajetória da jovem é a relação que ela e seus irmãos tinham com a escola. Segundo Camila, todos eles tinham um bom comportamento e seus pais nunca foram chamados no colégio por algo negativo.

Em seu estudo, Lahire (1997) explicita cinco temas fundamentais para análise da relação família-escola no que se refere aos resultados escolares de crianças provenientes desses meios: formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica⁷, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico. Uma das

⁷ A ordem moral doméstica refere-se às noções transmitidas pela família de bom comportamento, de respeito às regras sociais, de esforço e de perseverança.

conclusões a que chega o autor, acerca dos casos de sucesso escolar dessas crianças, está relacionada à consonância existente entre as configurações familiares e a escola. Mesmo em famílias que possuíam capital econômico, cultural, social e escolar reduzidos, algumas crianças estavam em situação de sucesso, porque as configurações dessas famílias engendravam um perfil de estudante que é esperado pelas escolas primárias. O mesmo ocorreu em alguns casos de núcleos familiares com ausência de capital escolar ou de pais analfabetos.

Os professores tendem a esperar um estudante participativo que obedeça às regras escolares, cumpra bem seus deveres, reconheça a autoridade do professor e a importância da instituição escolar para um futuro exitoso, entre outras coisas. No entanto, nos casos de consonância entre escola e família, o autor observou uma tendência ao sucesso escolar e não um processo inexorável.

Portanto, parece que a ordem moral doméstica existente na família da participante da pesquisa foi interiorizada por Camila e possibilitou uma consonância entre a configuração familiar da entrevistada e a escola, favorecendo longevidade sua e de uma de suas irmãs.

Encerrando essa etapa da educação básica, a estudante – que buscava uma mobilidade social e um maior conhecimento – não viu outra alternativa a não ser ingressar na educação superior. Para que tal fato ocorresse, Camila conseguiu matricular-se em um pré-vestibular popular, motivada pela irmã que já havia ingressado na universidade. Após ter assistido sua primeira palestra com o coordenador do cursinho, a jovem relatou que já saiu do evento com a ideia de mudar a sua própria história e decidiu que ingressaria em uma instituição que era dela por direito: a universidade pública!

Em 2010, Camila iniciou uma nova jornada em sua vida. De acordo com ela, foi a partir do seu ingresso no curso pré-universitário popular que a sua história de vida começou a se modificar. Esses cursinhos exercem um papel importante em relação ao acesso de indivíduos pertencentes às camadas populares à educação superior. De acordo com Nascimento (2012), eles têm como finalidade básica preparar os estudantes pertencentes às classes desfavorecidas socialmente para obterem êxito nos exames vestibulares.

Empreender uma ação como essa, a qual busca permitir o acesso à educação superior a grupos sistematicamente excluídos, sem dúvida é de grande importância, mas Nascimento ressalta que o referido movimento conseguiu ir além. O autor defende que

(...) os questionamentos apresentados pelo Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares às instituições de ensino superior em particular e às políticas educacionais em geral produziram demandas e propostas de democratização do direito ao ensino superior e, pois, de democratização das próprias instituições de ensino (NASCIMENTO, 2012, p. 21).

Portanto, tal movimento social contribuiu para a discussão e para a adoção pela sociedade brasileira das políticas de ação afirmativa, que visam ao acesso de negros e de pobres à educação superior.

Se o ingresso no pré-vestibular provocou, segundo Camila, mudanças positivas em sua vida, existia algo que não se modificara, uma vez que a participante da pesquisa continuou a conciliar trabalho e estudo. Já sabendo da árdua rotina que a esperava, ela relatou que no início sentiu muita dificuldade de permanecer no curso preparatório, pois o fato de não dispor de tempo para estudar em casa acabava por prejudicar o seu desenvolvimento no cursinho.

No entanto, Camila relatou que:

Mesmo com todas as dificuldades, fui me esforçando, estudava no ônibus, na hora de almoço no trabalho e assim aos poucos fui me desenvolvendo e aprendendo assuntos que nunca tinha visto na escola. Em muitos momentos pensei em desistir, principalmente quando havia alguns sentimentos de dúvidas, como, se um dia eu realmente conseguiria ingressar na universidade.

Já cansada da dura vida que levava desde a infância, no ano de 2010, sobreveio uma tragédia na vida de Camila e de sua família. As fortes chuvas que provocaram deslizamentos e enchentes em muitas regiões do estado do Rio de Janeiro atingiram a sua casa. Ela residia em uma casa bastante simples e perdeu tudo o que sua mãe havia construído com bastante esforço ao longo do tempo: “perdi, além de bens materiais, o lugar humilde que me pertencia”, disse a entrevistada.

Diante de tal situação, a jovem ficou alojada durante meses em uma igreja. Tudo isso, fez com que Camila pensasse em desistir dos estudos. Porém, com o apoio que recebeu de amigos, ela conseguiu centrar-se naquilo que mais desejava: estudar para conquistar uma vaga na universidade pública. Dessa forma, a estudante encontrou forças para trabalhar e se reerguer.

Trabalhava em uma padaria, acordava às quatro da manhã, saía do trabalho às 14:00 estudava nas praças de Niterói, dormia quando precisava, e às 18:00 ia para o pré. Saía do pré às 22h, chegava em casa meia noite, tentava estudar um pouco, sempre acabava dormindo em cima dos livros e assim passou meu ano de 2010 até meados de 2011, quando fui aprovada em agosto para a UFF, polo de Angra dos Reis.

Após essa época difícil, Camila prestou o seu primeiro vestibular em 2010 para a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), além de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Durante esse período de escolha dos cursos para os exames vestibulares, a entrevistada foi orientada pela sua irmã, aluna de Pedagogia da UFF/Niterói, a candidatar-se também para o referido curso. Essa escolha está relacionada ao fato da estudante ter percebido, através da contribuição de sua irmã, que as licenciaturas eram mais acessíveis para os filhos da classe trabalhadora. Constata-se, assim, que o senso de jogo (Bourdieu, 2008) foi posto em ação por Camila no momento da escolha profissional.

De acordo com Zago (2006), os cursos de alto prestígio social continuam sendo ocupados majoritariamente pelos filhos da “alta” sociedade, os quais têm todo o suporte financeiro e cultural de sua família para investir em um bom cursinho preparatório e para os manter na graduação sem que precisem trabalhar.

Feito os exames vestibulares em 2010, Camila não foi aprovada nas provas da UFF, da Uerj e da UFRJ. Porém, a estudante conseguiu pontuação satisfatória no Enem para garantir uma vaga no curso de Pedagogia na UFF de Angra dos Reis através do SISU⁸.

Sendo moradora de São Gonçalo, cidade vizinha a Niterói, onde a jovem fez o pré-vestibular e também trabalhava, foi perguntado a Camila o porquê da escolha por um curso de graduação naquele polo, já que o de Niterói era mais próximo. Ela informou que a concorrência em um campus do interior é menor e por isso havia decidido se inscrever para lá. Além da questão disso, a jovem contou que buscava uma vida mais tranquila em uma cidade menor como Angra dos Reis.

⁸ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), pelo qual instituições públicas de educação superior oferecem vagas a participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

A aprovação de Camila para o polo de Angra dos Reis trouxe uma significativa mudança para a sua vida. A entrevistada pediu demissão da padaria em que trabalhava e decidiu ir em busca do seu sonho. Deixou para trás os amigos e a família, e foi morar sozinha em uma nova cidade sem saber o que lhe esperava pela frente.

Ao chegar pela primeira vez na universidade, e especialmente ao assistir às aulas iniciais em seu curso, Camila relatou que se sentiu muito bem. O desejo de querer aprender mais e mais era tanto que, logo no início da graduação, ela resolveu se envolver em todas as atividades possíveis que eram oferecidas pela UFF. A estudante ainda relatou que o fato do polo de Angra ser muito pequeno acabou facilitando seu acolhimento e sua aproximação com o corpo docente e discente.

Em relação à moradia na cidade de Angra, a jovem residia em uma república com mais três amigas e se mantinha com a bolsa que recebia no valor de R\$ 400,00 vinda do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e com o dinheiro que recebia como monitora em uma oficina do programa Mais Educação. Camila também ganhava um auxílio oferecido pela universidade e relatou que naquele período, em que participava da pesquisa, esse benefício acabara de ser cortado devido à redução de verba para a educação efetivada pelo governo.

De 2012 até a ocasião da entrevista, a jovem vivenciou inúmeras experiências importantes que a universidade proporcionou como participação em pesquisas e viagem internacional.

Já no final da entrevista, a jovem ressaltou o importante papel das bolsas de assistência estudantil para sua permanência no curso de Pedagogia. Camila

disse ter percebido uma sensibilidade grande por parte dos coordenadores em relação às dificuldades que os estudantes das classes populares, que tendem a ser majoritários, enfrentam para permanecer no ensino superior. Segundo ela, o campus fornece bastantes informações, especialmente para os alunos mais pobres, sobre as bolsas oferecidas pela UFF, como a de assistência, a de pesquisa etc. Tais informações são fundamentais para a permanência desses discentes na universidade.

Segundo Camila, permanecer em uma universidade pública e se formar são desafios constantes para os filhos das classes populares. Para ela, "...é muito difícil ter dinheiro para comprar livros, xerox, passagem e alimentação. Vivemos uma luta diária".

A entrada na universidade de uma menina de origem pobre, que, ao longo da vida, foi obrigada a conciliar o trabalho e estudo devido às dificuldades financeiras, representa muito mais que um dígito nas estatísticas que apontam o crescimento do número de ingressantes desses meios desfavorecidos nesse espaço elitizado.

Para a jovem, a sua inserção na UFF vai muito além.

Acredito que para o pobre a universidade é um grande divisor de águas, pois dentro dela, refletimos sobre nossas condições sociais e melhoramos nossa qualidade de vida, após a formação. Estudando adquirimos conhecimento, pois o conhecimento liberta e quando somos sensíveis e buscamos conhecimento nos tornamos pessoas melhores.

A trajetória acadêmica de Camila nos mostra que as bolsas de assistência estudantil representam uma forma de permanência na universidade de suma importância para esse grupo de alunos. Em alguns casos, como o da participante da pesquisa, o valor das bolsas – ainda que insuficiente – é a única

renda que os estudantes das classes populares possuem para conseguir concluir seus cursos.

Para Portes (2012), as iniciativas de assistência estudantil são fundamentais para a permanência dos estudantes de origem popular na graduação. O autor defende a criação de políticas ou de programas que garantam e forneçam a esses alunos uma plena vida universitária, pois somente o acesso dos mesmos à universidade não é suficiente para a obtenção de uma trajetória de sucesso, uma vez que esses sujeitos precisam trabalhar para garantir seu sustento ou até mesmo para complementar a renda de sua família, o que impede que eles aprimorem seus estudos e de participem de eventos extracurriculares.

Considerações Finais

Pensando reflexivamente sobre a trajetória analisada neste artigo, constatamos os inúmeros desafios que ainda existem na atualidade para a construção de uma sociedade mais igualitária no Brasil. Em especial, ressaltamos aqui as barreiras que se impõem ao acesso e à permanência de indivíduos oriundos das classes populares na educação superior.

A partir do relato da participante da pesquisa acerca de sua trajetória escolar, foi possível perceber que o acesso à educação superior representou uma grande vitória para Camila, mas também foi o início de uma árdua luta para transpor os obstáculos – sobretudo os de ordem material – e permanecer na universidade.

Como já explicitado anteriormente, um dos maiores desafios a ser enfrentado hoje pela Universidade é possibilitar uma real permanência dos estudantes das

classes populares, pois vários são ainda excluídos devido à dupla jornada composta por trabalho e estudo.

Infelizmente, a universidade no Brasil ainda não é para todos. A presença dos pobres, dos negros e dos trabalhadores segue marcada por grande dificuldade de permanência. Lamentavelmente, a academia ainda prioriza uma única cultura quando organiza o seu espaço, a sua grade curricular e a sua rotina, e tende a não se preocupar com os alunos que enfrentam essa dupla jornada e não possuem tempo para participar das inúmeras atividades curriculares propostas.

Para Bourdieu e Champagne, as instituições de ensino acabam sendo vistas, tanto pela família quanto pelos próprios estudantes das classes populares, como um verdadeiro engodo, “uma espécie de terra prometida semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção” (2001, p. 221), já que esses indivíduos acabam sendo excluídos no interior da própria instituição. Esse perfil de alunado “partilha” com os estudantes das elites da mesma sala de aula na Academia, tem os mesmos professores, ouve a mesma aula, porém o capital cultural e social são bastante diferentes. São realidades muitas vezes antagônicas.

Para Camila, estudante de Pedagogia, ou seja, curso ocupado majoritariamente por alunos das classes populares, a sensação de ser estrangeira na Academia foi suavizada por ela estar entre iguais em relação ao pertencimento social. Além disso, o *campus* de Angra dos Reis fornece, segundo seu relato, informações sobre bolsas e auxílios que são preciosas para que esses alunos possam permanecer em seus cursos, ainda que o valor dos auxílios seja pequeno frente às inúmeras despesas dos estudantes.

A origem social dos sujeitos ainda exerce um grande peso em relação ao sucesso escolar e ameaça o acesso e a permanência dos jovens pertencentes às classes populares na educação superior. Além disso, cursar uma graduação vai muito além da sala de aula. Exige tempo disponível para participar das atividades extraclasse, como viagens, simpósios, palestras, e recursos financeiros para cópias de textos, de livros e de materiais exigidos pelos professores. Cursar uma graduação usufruindo apenas da sala de aula torna a vida acadêmica muito frágil. Defende-se a necessidade de reparação histórica, através de políticas públicas e institucionais que combatam as desigualdades e que ofereçam não somente a igualdade de oportunidade, mas também a de condições.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A.J; GEWANDSZNADJER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Ed. Porto, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. A sociologia de Pierre Bourdieu. In: ORTIZ, Renato (Org.). São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. Escritos de educação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de sociólogo. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. Escritos de educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Memória e autobiografia. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GILES, Houle. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In: POUPART, Jean; *et al.* *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar em meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

NASCIMENTO, Alexandre do. Do direito à universidade à universalização de direitos: o movimento dos cursos pré-vestibulares populares e a políticas de ação afirmativa. Rio de Janeiro: Litteris, 2012.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, Bourdieu & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEN, A. C. Ações afirmativas, relações raciais e política de cotas nas universidades: uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil. In: *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX. n.1 (61) p. 29-51. Jan/abr, 2007.

PORTES, Écio Antonio, SOUSA, Letícia: O nó da questão: a permanência de jovens dos meios populares no ensino superior público, 2012. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Apresentação_Écio_Portes.pdf>. Acesso em: 30 abr.2015.

PORTES, Écio Antônio. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.92, n. 232, p. 516-541, set/dez, 2011.

_____. *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG*. Tese (Doutorado) – UFMG, Belo Horizonte, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUZA, Izabela. Entenda o programa minha casa, minha vida. Portal politize. 2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/minha-casa-minha-vida-entenda/>>. Acesso em: 22 mar.2018.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006. Disponível

em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>. Acesso em: 02 fev.2016.

_____. Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas. Paideia: FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, v.10, n.8, p.70-80, 2000.

SOBRE AS AUTORAS

REGINA LÚCIA CERQUEIRA DIAS é Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: regcerdias@yahoo.com.br

IZABELA MATHIAS DOS SANTOS SILVA é Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: izabelamathias@gmail.com

Recebido em: 13.07.2018

Aceito em: 28.08.2018